



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Formação para Professores Indígenas

Maria São Pedro Santos de Souza

A História da Escola Indígena Pataxó Mata Medonha

Belo Horizonte – MG

2019

Maria São Pedro Santos de Souza

A História da Escola Indígena Pataxó Mata Medonha

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção ao Título de Licenciada em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação Ciências Sociais e Humanidades.

Professor Orientador: Pedro Rocha

Belo Horizonte – MG

2019

Dedico este trabalho especialmente aos meus pais, Israel Guedes e Maria José, que acreditaram e me ajudaram a seguir em frente, e que não mediram esforços para que eu chegasse até o fim dessa jornada, e à minha joia mais preciosa que Deus concedeu em minha vida, minha filha Raíssa. Também dedico este trabalho aos meus irmãos e minhas irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinhos e colegas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu Deus pela minha vida, minha saúde, pela sabedoria e força de vontade que ele me deu para enfrentar as grandes dificuldades.

Agradeço também pela família que tenho. Agradeço ao meu pai Israel, que sempre esteve pertinho de mim, me ajudando, me incentivando, me dando força nessa caminhada. Mesmo não estando comigo hoje, ele sempre foi minha fonte de inspiração. E agradeço minha mãe, Maria José, por ter acreditado em mim, que eu chegaria até o fim, me ensinando a lutar e nunca desistir.

Agradeço a todos os professores e professoras do FIEI, em especial ao professor Paulo Maia, que nunca deixou que eu desistisse, sempre me dando força nessa caminhada, e ao professor e orientador Pedro Rocha, que me ajudou nos momentos mais difíceis, quando retornei ao curso.

Aos amores da minha vida: minha princesinha Rayssa Aksã, que de uma forma carinhosa iluminou a minha vida e os meus pensamentos, e ao meu esposo Juliano. Agradeço aos entrevistados que colaboraram comigo, me ajudando a desenvolver meu trabalho, e a todos os meus familiares e amigos, que sempre me deram força e muita coragem pra que continuasse e que nunca deixaram de me ajudar. Às minhas colegas, que conheci durante o curso que fizemos juntas, onde tivemos a oportunidade de dividir nossas alegrias e tristezas,

Agradeço, de todo o meu coração, à minha comunidade de Mata Medonha, por ter acreditado em mim, que um dia chegaria até o fim.

RESUMO

Neste trabalho vou contar um pouco da história da construção da escola da aldeia Pataxó de Mata Medonha, localizada no sul da Bahia, no município de Santa Cruz Cabrália. Para recuperar essa história, realizei entrevistas com professores e com os mais velhos, que lutaram para que essa escola fosse construída. Além das entrevistas, o trabalho também traz, nos anexos, o Projeto Político Pedagógico da escola, e um caderno de imagens com fotografias da escola ontem e hoje.

Palavras-chaves: *Escola Pataxó, História oral, História da Escola, Aldeia Mata Medonha*

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
1. A chegada da escola na aldeia Mata Medonha	9
2. Depois de Bezinha: os Primeiros professores e a primeira escola.....	11
3. A evolução da construção do prédio da escola	12
4. Conteúdos e o Papel da FUNAI em Relação à Educação Indígena em Mata Medonha.	16
5. A escola de Mata Medonha hoje	20
6. A construção e organização do prédio	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
Referências Bibliográficas	27
ANEXO I: O PPP em construção da Escola Indígena Pataxó Mata Medonha	28
ANEXO II. Caderno de imagens.....	33

Índice de figuras

Figura 1. Escola de tábuas, construída no ano de 1988.	33
Figura 2. Primeira turma de alunos de Mata Medonha.....	34
Figura 3. Pais e alunos da primeira escola.	34
Figura 4. Minibiblioteca da primeira escola. Servia para guardar livros e remédios.....	35
Figura 5. Segunda escola, feita de alvenaria (2003)	35
Figura 6. Comemoração do Dia do Índio com alunos e comunidade, cacique Maninho e vice cacique Israel(2003).	36
Figura 7. Crianças brincando no dia do índio (2003)	36
Figura 8. Dia do Índio, 2003.....	37
Figura 9. A escola de Mata Medonha hoje.....	37
Figura 10. Professor e alunos do 1º, 2º e 3º anos hoje.....	38
Figura 11. Alunos do EJA apresentando o peixe assado na Patioba.....	39
Figura 12. Transporte escolar da aldeia.	39
Figura 13. Alunas do pré praticando o cabo de guerra.	40

INTRODUÇÃO

Sou Maria São Pedro Santos de Souza, pertencente à etnia Pataxó, moro na aldeia Mata Medonha no extremo sul da Bahia, município de Santa Cruz Cabrália. Sou professora na minha comunidade, onde trabalho com a turma de Educação de Jovens e Adultos, mas a minha primeira experiência em sala de aula foi com a turma de Educação Infantil. Estudei na aldeia até a 4ª série, com onze anos fui estudar no povoado de Santo Antônio fazendo a 5ª série, isso foi no ano de 2004, mas por motivo de alagamento na estrada, tive que desistir, e no ano seguinte retornei à escola tendo que repetir a mesma série.

Continuei estudando por incentivo dos meus pais, que, mesmo não tendo estudo, sempre quiseram que os filhos tivessem uma oportunidade melhor de estudar. Tive que enfrentar muitas dificuldades, entre as quais o transporte clandestino que a prefeitura colocava. Quando chovia alagava as estradas, e para estudar, tinha que atravessar a pé. Quando eu voltava, já era noite, e eu passava com água na cintura, e por isso perdia muitos dias de aula. Às vezes, quando o transporte quebrava, a gente caminhava nove quilômetros de distância, até chegar a escola onde estudava. Fiz o 1º ano do Ensino Médio no colégio Estadual Terezinha Scaramussa, no município de Cabrália, e, como sempre, não teve nenhuma mudança, enfrentamos as mesmas coisas, porque sair da nossa aldeia e estudar fora não era tão fácil assim. No ano seguinte meus pais me matricularam no Colégio Estadual Frei Henrique de Coimbra, onde estudei o 2º e 3º ano do Ensino Médio, e concluí os estudos nesse mesmo colégio, no ano de 2011.

No ano de 2012 fiz a inscrição da UFMG e vim fazer a prova em Belo Horizonte. Passei no curso de Licenciatura e, em 2013 do mês de agosto, comecei a estudar na habilitação de Ciências Sociais e Humanidades, com o interesse de buscar novos conhecimentos e levar para a minha comunidade. mas no mes de maio de 2015 faleceu um dos fundadores da aldeia Mata Medonha, um grande guerreiro que lutou até o último dia de sua vida para ver o melhor para sua comunidade: o meu pai Israel. Por esse motivo fiquei ausente no módulo de agosto do mesmo ano. por ele ser o meu pai, e por ser uma das pessoas que eu iria entrevistar para o meu trabalho. No ano de 2016 retornei ao curso mas, no mês de junho engravidei, mas mesmo assim continuei estudando para ter a formação que eu tanto queria. Eu estava muito feliz por estar realizando meu sonho de

engravadar de uma menina, e também de estar concluindo o ensino superior. Mas nem tudo é do jeito que planejamos. Tudo é no tempo de Deus. Em abril de 2017 tinha que apresentar o meu trabalho, mas não teve como, porque em março de 2017 fui no hospital Luiz Eduardo, em Porto Seguro, para ganhar minha filha, Raíssa. Fui acompanhada pela minha irmã, Arlinda. Tive complicações depois do parto, e fiquei entre a vida e a morte. Fiz uma cirurgia, fiquei na sala da UTI, enquanto acabava a cirurgia. E minha filha estava sob os cuidados da minha irmã, enquanto terminava todo o processo. depois de algumas horas, me trouxeram para o quarto onde estava minha filha e minha irmã. Fiquei quatro dias internada nesse mesmo hospital, então por isso tive que parar mais uma vez os meus estudos. Não apresentei os meus trabalhos e nem me formei com o resto da minha turma, mas, agradeço à meu eterno Deus pelo grande livramento que ele me deu. Em agosto de 2018 retornei novamente ao curso, graças a Deus que me deu força e coragem para seguir em frente.

O motivo que me levou a pesquisar e registrar a história da escola é mostrar as lutas e conquistas das lideranças e do povo Pataxó de Mata Medonha. As pessoas que participaram dessa história são pessoas que continuam ajudando a comunidade. Tive o privilégio de estar conversando com elas, para refletir o quanto nós sofremos com todo o preconceito por sermos indígenas.

Para esse trabalho, foram entrevistados moradores que vivenciaram a história e a formação da escola, e analisados os documentos relativos ao Projeto Político Pedagógico e o Diário de Classe. O recorte de análise dentro do Diário foram os anos de 1993 e a parte referente à 2017. Fiz também a revisão bibliográfica que trata da história de Mata Medonha.

1. A chegada da escola na aldeia Mata Medonha

Segundo o trabalho de Moisés Ferreira (2015), que também foi aluno do FIEI, antes de instalar a escola na aldeia Mata Medonha era bem mais difícil, por que as pessoas não tinham como estudar por causa das dificuldades, que era a falta de transporte, falta de estrada, falta de escola e etc. Antes não tinha escola, era muito difícil estudar naquela época, foi aí que dona Isabel (Bezinha) vendo a necessidade da comunidade se disponibilizou a ensinar aquelas crianças, porque só havia ela na aldeia que sabia ler e escrever. As aulas eram dadas na casa dela mesmo e, naquele tempo, não tinha energia, era luz de candeeiro. Isso foi na década de 1980.

Entrevistei a Dona Isabel Maria de Jesus, conhecida como Bezinha, índia pataxó de 81 anos de idade, moradora e anciã da aldeia Mata Medonha. Ela é parteira e rezadeira, e mãe de sete filhos. Durante a entrevista, ela me contou como foi a chegada da escola na aldeia Mata Medonha.

No início, quando cheguei do outro lado do rio, juntamente com o meu marido, Maninho, fomos morar nas terras por nome de Analberto, que era terras particular de meu sogro. Foi aí que o meu esposo e seus irmãos viram de longe um lugar muito feio que olhava e via só mata, e não era mata fina não, era mata grossa e das bravas, nós decidimos invadir, então chamamos os parentes que tinham acabado de chegar do outro lado do rio, que era a família dos Máximos e compadre Zael para nos ajudar a retomar aquelas terras, e este lugar foi demarcado e começou a se chamar aldeia Mata Medonha.

Naquele tempo não tinha estrada, no começo tudo era difícil, para chegar até a cidade tínhamos que passar por uma estradinha cheio de mato, com um jegue carregado de sacos de farinha pra poder vender na cidade, por que não tinha transporte na época, tinha que levar no jeguinho mesmo, nós sofremos muito pra ter o que temos hoje.

Também não tinha escola, nem posto de saúde, quando alguém da comunidade adoecia o agente de saúde tinha que ir até a sua casa pra dar o medicamento necessário, na verdade não tinha era nada, então tivemos que começar com as nossas cobranças pra que trouxesse primeiramente uma escola para aqueles alunos estudarem, por que na

comunidade não havia uma pessoa se quer que soubessem ler ou escrever, de uma que não tinha escola e muito menos professor para ensinar, naquele momento só havia eu minha gente que fui alfabetizada na cidade antes de vim morar do lado de cá, mas não tive a oportunidade de terminar os estudos por que tive que trabalhar pra criar os meus filhos. Com tempo fui observando a necessidade das pessoas que não sabiam nada, então eu senti vontade de ensinar aquelas crianças que estavam crescendo sem saber a letra A, vi que era muito difícil sair da aldeia pra estudar fora, me disponibilizei para ajudar, quando alguém queria ler ou escrever alguma coisa, me procurava para estar lendo algo, principalmente quando a comunidade precisava, inclusive, eu cheguei a trabalhar voluntariamente na comunidade, ensinando o pouco que sabia pra aquelas pessoas na época.

Foi eu, minha gente, que alfabetizei meus filhos e outras crianças também, não tinha escola nesse tempo, então comecei ensinar na minha casa mesmo, eles aprenderam ler e escrever comigo, mas com o passar do tempo as lideranças sentindo a necessidade de ter uma escola na aldeia se reuniram para procurar meios, procurar órgãos competentes que pudessem estar construindo uma escola e colocando um professor (a) capacitado pra trabalhar na comunidade ensinando as crianças.

Foi muita luta que conseguimos através da FUNAI construir uma escolinha na aldeia no ano de 1988. Essa foi a primeira escola a ser construída, uma escola feita de tábuas, eternit e piso de cimento, tinha apenas uma sala e uma mini-biblioteca que servia para guardar livros e remédios, e os alunos estudavam todos juntos, por que era uma turma multisseriado.

Mais o principal motivo da comunidade ter procurado alguém para construir aquela escola foi mesmo pela necessidade, pela carência, de alguém que pudesse ler e escrever para ajudar desenvolver a comunidade, havia muitas lideranças bastante experientes, no entanto, eles não sabiam a leitura. Foram chegando à conclusão de que juntassem alguém que tivesse a leitura com a experiência a coragem e

a disposição deles, trabalhavam juntos e cada vez mais a comunidade ia se desenvolvendo.

Assim, a escola, começou pela iniciativa da Bezinha, que era a única alfabetizada, ela ensinou aquelas crianças ler e escrever. Então as lideranças foram vendo a importância de ter uma escola na nossa aldeia, e procuraram meios de construir. Foi aí que a FUNAI ajudou construir uma escolinha de tábua, enquanto faziam outra melhor.

2. Depois de Bezinha: os Primeiros professores e a primeira escola

Passaram alguns meses e a escolinha de tábua ficou pronta, em 1988. Estava sendo difícil conseguir um professor que tivesse uma formação para trabalhar com as crianças. Foi quando a FUNAI trouxe a notícia de que um casal de missionários americanos tinha acabado de chegar no Brasil da missão Novas Tribos, que é um projeto de evangelização Norte-Americano que faziam trabalhos evangélicos nas comunidades indígenas. Hudson e Raíssa eram seus nomes. Eles foram trabalhar na aldeia Mata Medonha como professores e ao mesmo tempo seriam enfermeiros de improviso. Quando alguns alunos e pessoas da comunidade ficavam doentes, eram eles que aplicavam injeção e receitavam remédios. Tiveram a oportunidade de trabalhar na aldeia de 1988 a 1990, sendo que, durante esse tempo, eles desenvolveram um ótimo trabalho alfabetizando muitas crianças.

Na época tinham surgido alguns problemas familiares, problemas de saúde, e as lideranças foram procurar outras pessoas para trabalhar. Hudson ficou no quadro de professor durante dois anos, trabalhou de uma forma maravilhosa que deixou saudade no coração de cada um e continua exercendo o cargo, hoje ele trabalha com crianças especiais.

Com o passar do tempo, veio uma professora de Salvador, mas estava morando em Porto Seguro. Seu nome é Pitucha, foi trabalhar com os alunos da aldeia, nessa época muitas crianças que haviam chegado depois começaram a estudar com ela. Pitucha alfabetizou alguns alunos daquela época, mas depois ela precisou ir embora. Enquanto exerceu seu trabalho passou muitas experiências para a comunidade.

Algum tempo depois, tivemos o primeiro professor indígena a lecionar em nossa escola. Sei nome era Valnez Pinheiro, que inclusive já tinha estudado com o professor Hudson, tinha feito até a 4ª série e não havia concluído os estudos. Pela carência de professores e pela dificuldade de encontrar alguém que viesse para a Mata Medonha, devido ao difícil acesso, a comunidade resolveu colocar este professor, com a concordância do município. Ele desenvolveu um bom trabalho com os alunos, trabalhou durante um ano, mas o município, com as suas burocracias, não pôde continuar com ele no quadro de professor.

Na década de 1990 conseguiram encontrar uma professora indígena, seu nome era Nancy Pereira da Silva. Só que ela não era indígena da aldeia Mata Medonha, era uma professora que tem o magistério e que é indígena da etnia *Fulni-ô*, de Pernambuco. Com ela os alunos da época estudaram e concluíram o ensino fundamental I. Como ela era indígena, ficou um tempo a mais na comunidade. Isso eu entendo que são pequenos avanços que conquistamos através de lutas. Isso não foi uma coisa que ganhamos de mão beijada, nós conquistamos através de cobranças das lideranças junto com a comunidade.

Quando Nancy saiu, ficou sua irmã, Givânia. Em seguida vieram outros, como a professora Helena, uma indígena da etnia Pataxó Hã-Hã-Hãe que veio acompanhada de seu esposo, trabalhando na aldeia por um tempo.

Nesse tempo só trabalhavam na escolinha de madeira três funcionários, a merendeira e dois professores, onde estudavam a educação infantil, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª (multisseriado) e a turma de Educação de Jovens e Adultos pela noite. Na época não tinha cantina nem fogão na escola, o que tinha era apenas pratos e copos, e o fogão que cozinhava a merenda era de um dos funcionários da escola. A merenda era feita na casa da merendeira, e os alunos iam até lá para lanche e depois voltavam novamente pra escola. Quando chegava a hora dos alunos irem embora, os professores os levavam até o meio de estrada, porque os maiores batiam nos menores. Certo dia estavam todos os alunos em sala, começou a ventar muito, como dizem os mais velhos “bateu um vento sul”, um vento muito forte com chuva que tirou alguns telhados da escola

3. A evolução da construção do prédio da escola

No ano de 2002 as coisas foram melhorando aos poucos. Começavam a trabalhar na escola Antônio Carlos e Sinival, que são indígenas Pataxó e moradores da aldeia Mata Medonha, onde os alunos estudavam do Pré até a 4ª série. Foi quando a comunidade percebeu que a escola estava tendo um bom desenvolvimento.

As lideranças da comunidade começaram a fazer as cobranças entre os anos 2000 e 2001, aí que a prefeitura construiu uma escola na aldeia Mata Medonha, que tinha apenas uma sala, dois banheiros, e uma cantina. Essa escola funcionava da alfabetização até a 4ª série. Com o tempo, vemos que os números de alunos estavam aumentando cada vez mais, então precisariam fazer uma escola maior. As lideranças nunca desistiram de seus sonhos, tinham certeza que um dia iriam se tornar em realidade.

Foi quando decidiram fazer novas cobranças aprovar a construção de uma nova escola, que, com muitas lutas foi aprovada. Ela contaria inicialmente com seis salas, mas, como sempre, não cumpriram com suas obrigações. Fizeram somente duas salas, três banheiros, e uma cozinha.

Em 2008 começou a construção do colégio, mas até hoje não terminaram tudo. Como a comunidade estava precisando tanto de um lugar, começamos a trabalhar mesmo o colégio estando inacabado. Por enquanto estavam sendo trabalhado do pré até o 5ª ano, mas cada turma estudava em suas salas. As lideranças novamente começaram fazer as suas cobranças de um novo projeto, para que chegassem o Ensino Fundamental II na escola, porque os alunos sofriam muitos preconceitos nos colégios dos brancos por serem indígenas, mas nós tínhamos que fazer nossas cobranças. Bom ou ruim, tínhamos uma escola que atendia as necessidades da comunidade.

Isso foi uma grande conquista porque, para continuar estudando depois do fundamental, os alunos teriam que ir para um bairro chamado Santo Antônio, município de Santa Cruz Cabralia, que tinha só até a 8ª série. Mesmo assim, como antes, tudo era difícil e não tinha nenhum transporte para levá-los até a escola.

Nesse tempo a prefeitura municipal colocou o primeiro transporte na aldeia, que foi um Fusca, para estar transportando os alunos até o colégio. Tiveram que enfrentar muitas dificuldades, eles tinham que caminhar três quilômetros passando pelo brejo, tendo que passar por uma pinguela na travessia do rio, já que não existia ponte naquela época.

Passaram alguns tempos e o Fusca já não funcionava mais, então parou de transportar os alunos e eles foram perdendo muitos dias de aulas por causa disso. A FUNAI, na ocasião, comprou algumas bicicletas para que os alunos pudessem ter acesso à escola. Os alunos, que estavam fazendo a 5ª série, estudavam em Santo Antônio, que fica a aproximadamente nove quilômetros de distância da aldeia, e os que faziam o ensino médio tinham que estudar em Santa Cruz Cabralia.

Sobre essa época, o professor Sinival, cujo nome indígena é Tapurumã Pataxó e hoje em dia é diretor da Escola Indígena Pataxó de Mata Medonha, me contou o seguinte:

Sou Tapurumã Pataxo, sou da aldeia Mata Medonha, sou professor e estou a quatro anos na direção. A minha vida escolar eu fiz aqui na nossa comunidade. Depois que foi construída pela prefeitura uma escola de 6 por 7 metros, e quase não havia espaço para os alunos, veio trabalhar alguns professores não indígenas, mas por dificuldades que teriam que enfrentar não puderam continuar no trabalho. Na época estava fazendo o 1ª ano do ensino médio em Santa Cruz Cabralia, foi escolhido pela comunidade para trabalhar com os alunos mesmo sem ter concluído 2ª grau, até mesmo com o fato de estar inserido no magistério indígena e de estar participando do curso, e também por algumas vezes de ter sido substituto dos professores quando precisavam, então a comunidade achou que fosse a pessoa mais indicada pra assumir o cargo de professor dentro da aldeia. Fui apresentado ao município e eles concordaram, também pelo fato de ser muito difícil de conseguir alguém que viessem trabalhar na aldeia, trabalhei durante um ano juntamente com Antônio Carlos ambos cursando o mesmo ano e ambos participando do magistério indígena, então foram os primeiros professores indígenas da aldeia Mata Medonha, tivemos o privilégio de trabalhar com a comunidade. Mas por questões burocráticas do município de não poder prosseguir com

professores que ainda não tinha concluído o ensino médio, e no ano seguinte não puderam continuar trabalhando, a diretora na época apresentou a comunidade a professora Sandra, que tinha acabado de concluir o magistério no município, é uma professora de Arataca, mas concluiu o ensino médio no município de Cabrália. Ela foi apresentada pela diretora, a senhora Vânia, pra poder trabalhar com os alunos, isso foi em 2003 que ela começou trabalhar, inclusive está trabalhando até hoje com a comunidade.

Durante esse período, eu e Antônio Carlos estávamos fazendo o 1ª ano do ensino médio, faltando mais dois anos para concluir e conseqüentemente concluirmos o ensino médio e o magistério indígena praticamente no mesmo ano. Concluímos no ano de 2004 e no ano seguinte retornei à sala de aula e Antônio Carlos já não estava mais na aldeia. Então ficou trabalhando só três funcionários na época, a professora Sandra, a merendeira Maria Das Graças e eu, e até hoje nós continuamos exercendo nossas funções na comunidade, trabalhamos numa escola pequena que tinha apenas uma sala de aula, dois banheiros e uma cantina, essa era uma escola que atendia os alunos do pré até a 4ª série, essa foi uma pequena conquista que conseguimos através de lutas das lideranças e comunidades.

Nesse período, depois de ter enfrentado muitos obstáculos, trouxeram uma Kombi para transportar os alunos para o colégio. Por sua vez, a Kombi não chegava até a aldeia porque a estrada não era pavimentada, além de faltar uma ponte. Os alunos chegavam em suas casas à noite, por que tinham que esperar os outros que estudavam em Cabrália.

Finalmente, No ano de 2012 aprovaram o projeto no qual a prefeitura contratou professores da própria comunidade para trabalhar com os alunos. No mês de março de 2012 os alunos começaram estudar na aldeia Depois foram construídas mais duas salas, sendo que uma ficou sendo a secretaria da escola e a outra uma sala de aula.

Com muitas lutas e dificuldades, hoje temos professores, coordenadora, secretária, diretor trabalhando na escola e todos são moradores e indígenas da aldeia Mata Medonha. Hoje podemos olhar e dizer: “foi difícil, mas conseguimos”. Valeu a pena as

lideranças terem lutado tanto o desenvolvimento da escola e pela defesa dos nossos direitos.

4. Conteúdos e o Papel da FUNAI em Relação à Educação Indígena em Mata Medonha.

Segundo o Diário de Classe no ano de 1993, trabalhou na escola de Mata Medonha a professora Nancy Pereira da Silva com a turma da alfabetização. Nessa turma todos ainda eram crianças, tinha apenas quatorze meninas e nove meninos. Na época não tinha nenhum transporte para buscar e levar os alunos, eram seus pais que traziam até a escola. Os conteúdos que foram selecionados pela professora para serem trabalhado com os alunos naquela época consta na ementa documento:

Meios de transporte-Igualdade e desigualdade, Plantas -seu formato- Independência do Brasil-Sistema de numeração, Numerais vizinhos, Contagem-coordenação, Alfabeto minúsculo- Onde compramos os alimentos-Subtração de números naturais, Escrita de frases-Leitura de palavras, Jardim e Horta escola, Contagem- Numeroso pessoal que trabalha na escola, Alfabeto maiúsculo-Leitura- Vegetais, Dia da arvore-As diferentes moradias, As estações do ano-Higiene corporal, A importância das árvores-Desenho, Adição de números naturais- Contagem-Leitura, Tempos e suas mudanças, Seres vivos e seres sem vida-Leituras-Alfabeto-Contos e brincadeiras, Direitos e deveres do aluno, Ditados de palavras, Soma, Desenho,Representações dos personagens, Dia das crianças, Formação de palavras, Leitura, Dia do professor, Separação de sílabas, Cópia de verdade, Adição, Números de sílabas, Dia do funcionário público, Ditado, Leitura de frases, Formação de sílabas

Hoje na nossa escola os conteúdos já não são mais trabalhados dessa forma tão tradicional. Sandra, que é hoje coordenadora da Escola, e que já foi professora durante muitos anos diz o seguinte sobre isso:

Pensar em educação de antes é voltar a tempos atrás, onde o professor era uma autoridade, estava acima de tudo, aos alunos só lhe era

permitido sentar e ouvir em momentos "adequados". Punições eram frequentes, e tudo isso com a permissão dos pais. E ainda há quem fale que hoje é tempos bons, mas não é, pois antes o aluno aprendia e não mais esquecia, por que aprendia através de decoreba, havia um certo respeito pelo professor, mas não era natural, ou seja, se não obedecesse seria punido no mesmo instante. O ambiente escolar era de cores claras, o professor na frente, no alto demonstrando superioridade e os alunos sentados em fila. O professor só tinha o quadro negro e os livros didáticos, os conteúdos vinham da secretaria de educação, onde tínhamos que passar todos os assuntos para aqueles alunos. Naquela época haviam três formas de avaliação que eram: teste, trabalho em grupo ou individual e a tão famosa prova. As vezes tínhamos momentos que brincávamos, mas a maioria dos pais não gostavam muito que brincassem com os alunos, queriam que ficassem em sala de aula só estudando, mas a brincadeira também era uma forma de aprendizagem. ”

Também sobre a questão do ensino, Valdirene é minha irmã, aluna do FIEI e faz a habilitação em Matemática. Ela é professora das séries iniciais e trabalha com o ensino da língua *patxohã*. Em entrevista no início deste ano, ela me relatou sobre o ensino que é feito hoje dia.

O ensino da educação escolar indígena hoje na comunidade de Mata Medonha tem sido uma forma de trabalharmos no fortalecimento da nossa cultura de acordo com a nossa realidade. Quando se trata de educação escolar indígena, buscamos o melhor, quando o assunto é educação, porque é um direito nosso. O que ensinamos vem sendo de acordo com o que vivemos e posso dizer que é um avanço, porque hoje podemos dizer que o ensino está sendo transmitido pelo próprio educador indígena, o qual conhece suas raízes, a cultura em si e a realidade em que vivemos. Às vezes esse ensino tem vindo com algumas interferências por parte de quem não convive com o nosso povo, mas o nosso método de ensino é de acordo com o saber do nosso povo. Na atualidade só não aprende quem não quer, hoje não precisa andar quilômetros para se aprender ler e escrever, hoje o ensino é aberto para todos, temos escola perto de casa, professores

indígenas lecionando em sua própria comunidade. A nossa forma de ensino não se resume apenas em quatro paredes, é aprender em ar livre com o canto dos pássaros, é fazendo um cocar, um colar, a cantar novas músicas, é aprender ouvir os nossos mais velhos, é crescer sabendo que a nossa realidade é completamente diferente do mundo lá fora, mas quando se fala em educação escolar, vamos aprender aquilo que for de melhor para nós e o nosso povo e absorver o que for importante e trazer um retorno para a comunidade, mais primeiro conhecendo sobre nós, nossas raízes, que é o nosso povo indígena. Quando se trata do povo indígena o nosso olhar enquanto educadores indígenas temos uma forma de ensino diferenciado.

Ainda sobre isso, reproduzo abaixo o conteúdo do Diário de Classe que consultei, referente ao ano de 2017.

09-03 Diagnóstico geral. 11-03 O que é língua e linguagem. 16-03 Linguagem verbal e não verbal. 18-03 Leitura e escrita. 23-03 Conhecendo os tipos de pontuação. 25-03 Tipos de frases. 31-03 Tipos de acentuação. 05-04 Atividade oral e escrita. 07-04 Leitura de texto e interpretação. 19-04 Pronomes pessoais. 26-04 O uso dos verbos. 10-05 O uso dos por quês. 12-05 Continuação dos por quês (dinâmica). 17-05 Atividade complementar. 19-05 Leitura e escrita. 24-05 Produção textual. 26-05 Texto (Direitos do consumidor) leitura. 31-05 Leitura e interpretação de texto. 04-10 Gênero textual. 06-10 Produção textual: bula, receita, bilhete. 11-10 Pronomes demonstrativos. 13-10 Classificação dos adjetivos. 18-10 Atividades complementar. 20-10 Leitura e interpretação de texto. 25-10 Trabalho: produção de texto. 27-10 Verbos impessoais. 01-11 Escrita breve. 03-11 Artigos: definidos e indefinidos 08-11 Atividade e exercícios 10-11 Direitos e cidadania 17-11 Direitos indígenas(texto) 22-11 Identidade cultural 24-11 Oralidade e escrita 29-11 Revisão geral- legislação/ processo e demarcação de terra.

Como podemos perceber o ensino hoje trabalha temas que não eram trabalhados antes, como direitos indígenas, identidade cultural, processo de demarcação de terras, entre

outros assuntos. Isso foi uma conquista da comunidade, de poder ter um ensino diferenciado feito para os indígenas e pelos indígenas.

Sobre o papel da FUNAI na educação em Mata Medonha, entrevistei a professora Irene Maria de Jesus, que foi professora da FUNAI. Ela lecionou na aldeia Boca da Mata e na aldeia Coroa Vermelha. Depois foi chefe do setor de educação, quando conheceu a aldeia Mata Medonha. Perguntada sobre qual o papel da FUNAI em relação a educação indígena de Mata Medonha, ela diz;

Mata Medonha è uma aldeia muito bonita, cercada de rios e Mata Atlântica, onde moram pessoas que formam uma comunidade indígena que valoriza e preza pela a educação de seu povo. Naquela época, sendo na década de 80, o papel da FUNAI em Mata Medonha era desenvolver ações junto com a comunidade para funcionamento da escola indígena. Em 1990, comunidade, FUNAI e prefeitura também para funcionamento da escola indígena e apoio a estudantes matriculados fora da aldeia e formar professores indígenas para atuarem na escola indígena, com a parceria do município, estado, universidades para formação de professores. As ações de educação indígena na aldeia Mata Medonha, contava com a participação de representantes indígenas nas reuniões do fórum de educação e reuniões com instituições de apoio a comunidade. As ações da FUNAI na educação indígena, faz parte da política indigenista do governo federal. Foram muitas dificuldades, só que a vontade e a necessidades da comunidade foi maior, primeiro não tinha estrada e o transporte era feito de barco ou a pé. A fase da construção da primeira escola foi uma luta e ao mesmo tempo uma conquista pra FUNAI e comunidade, mas não tinha professores indígenas de Mata Medonha, tivemos que trazer Nancy, indígena de Pernambuco, que é irmã de Miguel da FUNAI. Não havia casa pra Nancy morar, foi acolhida pela comunidade, até que a prefeitura municipal depois de muita persistência nossa, ela foi contratada. Foi assim, quando tinha uma coisa faltava outra, tinha a escola, mas faltava professores, tinha professores e faltava material, quando tinha material faltava merenda, tinha merenda, mas não tinha merendeira. Tudo foi conseguindo com muita dedicação e superação tanto da FUNAI e quanto da

comunidade, depois passou a ser comunidade, FUNAI e prefeitura. A prefeitura teve um papel importante na contratação de professores indígenas, para atuarem na escola de Mata Medonha, como é até hoje.

A FUNAI teve, então, um papel muito importante na nossa comunidade, pois com ajuda dela pudemos fazer a nossa primeira escolinha. Foi partir daí que começamos a desenvolver ótimos trabalhos trazendo professores de fora para ensinar, e também tivemos a oportunidade dos próprios indígenas estarem lecionando em sala mesmo não tendo eles ainda concluído os estudos.

5. A escola de Mata Medonha hoje

A construção da escola iniciou em 2008, mas até hoje não terminaram tudo, e como a comunidade estavam precisando de um espaço maior, começamos trabalhar mesmo assim, do pré ao 5ª ano, sem ainda ser cada turma em sua sala. Passado algum tempo, as lideranças fizeram novas cobranças pra que viesse o fundamental II pra nossa aldeia, até mesmo pelo fato dos alunos sofrerem muito preconceito no colégio dos brancos por serem indígenas. As cobranças do cacique e lideranças foram atendidas, e no ano de 2012, os alunos começaram estudar com professores indígenas da nossa comunidade.

6. A construção e organização do prédio

Entrevistei Maria das Graças, a antiga merendeira da Escola e que se aposentou no ano de 2018. Ela também guarda a memória de como foi a construção do prédio:

A construção do colégio iniciou no ano de 2008, mas pra que isso tivesse acontecido, as lideranças tiveram que fazer suas cobranças. Veio um projeto pra construir a escola na aldeia, e quando chegou esse projeto algumas pessoas da comunidade tiveram a oportunidade está desenvolvendo seus trabalhos nessa construção, e os materiais que foram usados, alguns foi trazido da cidade e os paus e a areia foram usados daqui da aldeia. Esse colégio foi construído em um lugar inadequado e não era um lugar plano era “imorrado”, é na beira da estrada, os fios de energia passa por cima do colégio, algumas pessoas

não queriam que construísse o colégio nesse lugar, mas as lideranças já tinham marcado, mas construiu lá mesmo. Só que não terminaram todo, pela necessidade de ter uma escola nós entramos sem terminar, a gente estava com os alunos em uma escola quase caindo, com as paredes estragadas. Na época era só dois professores e uma merendeira, então fizemos uma reunião, juntamente com as lideranças, e resolvemos pegar os materiais dali e levar pra lá e trabalhar sem ter entregado o colégio, pois ainda não tinha sido entregue a comunidade. Entramos por que não havia mais espaço para os alunos estudarem, fomos obrigados a fazer isso, começamos a dar aula, e esse colégio até hoje não foi terminado.

Então a escola Indígena Pataxó Mata Medonha foi construída no ano 2008 com duas salas de aula, três banheiros, uma cantina e uma pequena dispensa. Na escola é atendido alunos do pré até o fundamental II e educação de Jovens e Adultos-EJA, temos aproximadamente 115 alunos. O atual diretor da Escola, professor Sinival me concedeu entrevista em maio de 2016. Perguntado o que é feito para que hoje os professores indígenas possam estar atuando em sala de aula, o diretor Sinival respondeu:

Quando terminou a construção do colégio só tinha quatro funcionários trabalhando, onde duas atuam na área de serviços gerais e dois atuava como professor em sala de aula era trabalhado do pré ao 5º ano, mas a comunidade percebendo que havia a necessidade de trazer o fundamental II pra nossa aldeia pelo fato de os alunos enfrentarem muitas dificuldades em questão da estrada, de chuvas, transporte e também o acesso a escola lá fora que era muito difícil, então a comunidade resolveram fazer essas cobranças, na verdade essas lutas, essas reivindicações começaram alguns anos atrás. Mas no ano de 2012 é que chegaram mais firmes nas cobranças e conseguiram graças a Niamisu (DEUS) graças às lideranças e a todos que estavam cobrando e lutando pela mesma causa, conseguimos colocar o fundamental II na nossa escola, mas pra que isso acontecesse tivemos que ampliar um pequeno galpão que tinha, foi ampliado para fazer duas salas, inclusive uma é a sala de aula a outra é a secretaria da escola. Então a comunidade estava vendo que não tinha mais necessidade de pessoas não indígenas estarem na direção da escola por que já havia indígenas da própria aldeia que tinha essa capacidade, foi quando me apontaram pra ser o diretor da escola e pelo fato de estar atuando em sala de aula e então estou na direção até hoje, e junto

com o fundamental II entraram outros professores indígenas da própria comunidade e o que estavam faltando colocamos indígenas de outras comunidades. E com o fundamental II implantado na aldeia as direções da escola juntamente com a comunidade puderam criar normas, uma forma de colocar os professores, merendeiras ou qualquer funcionário da escola, criamos um critério para serem colocados através de processo seletivo, e também havia pessoas que já tinham concluído o ensino médio, aqueles alunos que estudaram no início com o professor Hudson e a professora Nancy, esses alunos já tem suas próprias experiências para serem desenvolvido e trabalhar na comunidade, concluindo o ensino médio conseguimos colocá-los para atuar em salas de aula através do processo seletivo, e hoje temos uma boa quantidade de professores atuando e todos são indígenas da aldeia Mata Medonha. A coordenadora hoje é Sandra Reis que tem aproximadamente quinze anos trabalhando na escola e a secretária é Rosana e no quadro de serviços gerais temos quatro funcionários que são: Maria das graças que trabalha desde a segunda escola, Auzinete, Thais Regina e Flávia e professores são oito e uma auxiliar de classe que está atuando em sala de aula: Valdirene Santos, Edilande, Rondinei, Maria, Valdirene Moreno, Aurina, Moisés, Valtairis, Luciana, Gleison, Sergio e Josélia, motorista do ônibus escolar, Nilson, e Arlindo as monitoras: Anoelia e Abemildes, vigia: Gilberto e Genivaldo. Os funcionários que temos hoje praticamente todos são indígenas e são moradores da comunidade e com exceção de um motorista do ônibus escolar e uma monitora que não são indígenas, mais ao todos temos vinte e um funcionários trabalhando na Escola Indígena Pataxó Mata Medonha. Podemos dizer que é um avanço, que é uma conquista, quando olhamos para o quadro da escola e vemos que os funcionários são indígenas da própria aldeia e a cada vez mais a escola vai desenvolvendo, isso nós vamos conquistando através de muitas lutas do povo Pataxó da aldeia Mata Medonha.

Antigamente, quando não tinha uma escola na aldeia ainda, a comunidade passava por muitas dificuldades. Por exemplo, quando ainda não havia água encanada, tínhamos que pegar água em cacimba. Não tinha energia, usávamos o candeeiro, que era chamado de *fifó*, para clarear. Mas com o passar dos tempos reivindicamos e conseguimos trazer uma pequena escolinha para a nossa comunidade, que funcionava da pré-escola a quarta série, e os alunos que estudavam da quinta à oitava série tinham que enfrentar chuva e sol para ir estudar no povoado de Santo Antônio.

Na época nós caminhávamos três quilômetros de distância para chegar na ladeira onde pegava o transporte que levava até a escola, nesse tempo não tinha como passar carro nem moto, por falta de uma boa estrada, e também por que tinha uma pinguela de tábua. Era muito difícil sair da nossa aldeia para estudar fora, é por esse motivo que os alunos perdiam muitas aulas, às vezes corriam riscos de serem reprovados por muitas faltas que tinham ou até mesmo por perder as avaliações finais de cada unidade ou trabalhos que os professores pediam para fazer. Quando chovia muito, alagava as estradas e ficava parecendo um rio, e tinha que atravessar andando e às vezes, de canoa.

Quando o nível da água não estava muito alto, alguns alunos ainda faziam uma caminhada até a ladeira, tendo que atravessar o brejo com água na cintura e quem tinha uma pequena estatura, a água chegava até o pescoço. Quando o nível da água subia demais, os alunos não iam à escola, por que não dava para passar andando, nós íamos pra escola de dia, mas quando voltavam já era noite. Muitas das vezes os nossos materiais escolares acabavam caindo dentro da água, e a maioria desses alunos era menor de idade. Só havia três alunos que eram maiores, e que estudavam o Ensino Médio em Santa Cruz de Cabralia.

Um dia fomos para a escola e a estrada estava alagada pela água, a correnteza estava muito forte. Mesmo com todas essas lutas, continuamos estudando, passamos com água até a cintura. No outro dia tornamos a ir, e no meio da estrada tinha um buraco e acabou acontecendo um acidente com um desses alunos ao cair no meio desse buraco por conta do alagamento. Foi nesse momento que também aconteceram alguns afogamentos e os alunos que eram maiores ajudaram os menores. Isso já era noite.

Com o tempo fizeram a estrada e a prefeitura colocou uma *picape* para transportar os alunos. Em um dia que estávamos voltando para casa, a *picape* ia subindo a ladeira, quando de repente perdeu o freio e começou a voltar. Naquele momento todos os alunos se desesperaram, com choro e gritos. Mas bem embaixo da ladeira tinha um pé de imbiriba onde a *picape* conseguiu parar e graças a Deus nenhum aluno saiu ferido. Mesmo assim, ainda continuou a mesma *picape*, pois não havia outro transporte. Muitas vezes os alunos ficavam com muita vergonha, porque quando chegava na escola o motorista tinha que ficar gritando pra que as pessoas saíssem da frente para que não fossem atropeladas, pois o carro estava sem os freios.

Ali era motivo de os outros alunos da rua estarem mangando de nós indígenas, naquele tempo nós sofriamos tanto preconceito, e às vezes ainda sofremos por sermos indígenas. Depois de passar alguns meses, a prefeitura tirou a *picape* e colocou uma Kombi caindo aos pedaços, mas achamos uma forma de não mangarem mais da gente. Toda vez que estava perto da escola, nós descíamos do carro e acabávamos de chegar andando até a escola. E também já aconteceu muitas vezes de o carro parar na estrada e os alunos terem que empurrar pra pegar novamente.

Por esses fatos que vinham acontecendo, de não ter uma boa estrada, um bom transporte, alguns desses alunos acabavam desistindo de estudar, mas outros conseguiam chegar até o final do Ensino Médio. São esses alunos que hoje estão exercendo suas funções e desenvolvendo seus trabalhos dentro da própria comunidade.

Essas histórias ajudam a mostrar como a construção da escola em Mata Medonha foi uma importante conquista de nós indígenas Pataxó. Com ela, podemos cuidar da nossa própria educação, sem correr riscos e sem sofrer preconceito ou discriminação pela nossa condição de indígena. Além disso, a escola agora funciona pelas mãos dos próprios indígenas, que agora comandam a educação na aldeia, colocando em prática o projeto de uma educação diferenciada e indígena

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevo as conclusões deste trabalho a partir do meu ponto de vista. Diante de todos esses relatos, percebi o quanto a Escola Indígena Pataxó de Mata Medonha cresceu em vários sentidos. De uma escolinha de madeira, hoje somos uma escola completa. A comunidade acreditou em suas lutas, e por isso vieram as conquistas. As lideranças lutaram muito e continuam lutando, pra não perdermos o que já conquistamos, e o que temos hoje não foi conquistado da noite para o dia. A nossa escola foi construída através de ações e persistência de nossos mais velhos, que buscaram ajuda da FUNAI e de outras pessoas, como os missionários. Vários desses anciões que lutaram, que perderam noites sem dormir, derramando seu suor, lutando pra que, hoje pudéssemos ter uma escola de qualidade e um ensino educacional diferenciado, já se foram, mas sua obra continua entre nós.

Contando e vivenciando a história da escola, percebo o quanto a comunidade de Mata Medonha sempre acreditou em suas lutas, por que os jovens hoje estão ingressando em uma faculdade e se tornando professores, diretores, funcionários da escola e até mesmo se tornando lideranças de sua própria comunidade, porque temos que ocupar o nosso espaço, enquanto indígenas.

Durante as pesquisas e as rodas de conversas, pude perceber que ainda temos muitas dificuldades, porém o que conquistamos foi através de muitas cobranças, e podemos dizer que a comunidade conquistou grandes avanços: tivemos a escola construída, temos professores indígenas da própria aldeia lecionando em sala de aula, entre outras. Isso só foi possível porque as lideranças passaram fome e muitas noites sem dormir, para trazer uma escola de boa qualidade pra nossa aldeia.

A aldeia Mata Medonha está no meio de uma ilha, onde passam dois rios, e é coberta de matas nativas. Essa comunidade preza e valoriza pela educação de seu povo. Ao lembrar ou relembrar as nossas histórias enquanto povo indígena, não só fortalecemos as nossas lutas, mas também serve de encorajamento para as lideranças que hoje buscam e lutam, para que permaneça modelo de uma educação escolar indígena.

Apesar de alguns de nossos anciões já não estarem mais entre nós, suas competências, persistência, memórias e conquistas, sem dúvida nenhuma é um legado a ser lembrado para a nossa escola. O ensino da educação escolar indígena na nossa comunidade é diferenciada, pois ensinamos os nossos alunos a cantar novas músicas, fazer um colar e um cocar, a entender da legislação indigenista e dos nossos direitos conquistados. Com isso, estamos trabalhando no fortalecimento da nossa cultura.

O povo pataxó de Mata Medonha, nunca desistiu de lutar e jamais irão desistir de procurar melhorias pra nossa comunidade, pois tudo isso foi conquistado com muita luta e dedicação.

Referências Bibliográficas

OLIVEIRA, Moisés Ferreira de. A História da Aldeia Mata Medonha. Trabalho de Conclusão de Curso Acadêmico. Formação Intercultural de Educadores Indígenas/FAE. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2015

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Indígena Pataxó Mata Medonha. Mata Medonha, 2018. (em construção).

DIÁRIO DE CLASSE. E.I.P.M.M. Mata Medonha, anos de 1993; 2017.

Pessoas Entrevistadas

Sinival Ferreira da Conceição

Valdirene Santos de Souza

Sandra Reis dos Santos

Maria das Graças

Isabel Maria de Jesus

ANEXO I: O PPP em construção da Escola Indígena Pataxó Mata Medonha

A Escola Indígena Pataxó Mata Medonha está localizada em Santa Cruz Cabralia passando no povoado do Santo Antônio pegando um desvio de estrada de chão e passado nove quilômetros chega à Aldeia Mata Medonha. Há dificuldade de locomoção para chegar à rua, a estrada que é de péssimo acesso, na época de chuva tem enchente e ficamos ilhados, dificuldades na área da saúde, dificuldade em conseguir passagem para o carro de saúde atravessar a balsa. escoamento da produção, transportar.

Os problemas de saúde: não tem acompanhamento médico psicológico e estrutura inadequada do posto de saúde. Não tem assistência odontológica e oftalmologista para aquisição de medicamentos e óculos. Com a escola na comunidade diminui nossa preocupação de pais, pois eles ficam mais perto da nossa visão e sendo assim fica mais fácil para a resolução de problemas do aluno, sem falar que eles na aldeia evita o preconceito que existe muito lá fora contra os indígenas. Com respeito e dedicação na falta de um lugar para reunião utilizamos a escola, pois é o lugar de referência, festas comunitárias, seminários.

Uma construção maior como refeitório, uma quadra esportiva, banheiros com duchas, secretaria separada das salas de aula, uma sala para os professores, biblioteca, sala de informática equipada. Melhoramento na participação dos pais, festas comunitárias. Alunos indígenas, de gêneros diferenciados, especiais, de faixa etária diferenciada, entre eles alguns com ânimos a flor da pele, outros calmos e sensíveis. Apesar de serem todos indígenas, porém alguns alunos vivem realidades diferentes. Todas as crianças de idade escolar estão inseridas na escola, com a diferença de alguns jovens adolescentes que por razões pessoais não estão frequentando a escola. Sim vários adultos que trabalham o dia, estudam a noite. Houve grande desenvolvimento tanto na aprendizagem quanto na educação familiar. Diretor, coordenador, secretaria, professores, merendeira, serviços gerais, vigia, motorista, monitor. Sim, pois as matérias escolares exigidas tem o quadro de professores necessários. Temos dois professores formados em pedagogia, temos sete em formação superior, temos cinco professores em

formação intercultural indígena, três professores que tem magistério indígena, dois com magistério normal, quatro professores com formação geral.

Diante da nossa realidade de alunos e espaço temos funcionários suficientes para atender as demandas, assim como temos o cargo de diretor, coordenação pedagógica, professores suficientes para atender a todos os alunos, além de profissionais na área de serviços gerais.

Sim, mas tem que ter suas funções pedagógicas continua, pois tem que ter um acompanhamento do inicio até o final do ano letivo.

As condições físicas da escola é uma nova construção e material vai muito bem, pois temos administrado bem o dinheiro que chega para a escola comprando todo material necessário.

Cozinha inadequada próxima ao banheiro, à secretaria colada numa sala de aula, num todo p prédio escolar está numa área de risco, pois tem uma rede elétrica que passa bem encima dela, sem falar que as salas ficam empoçadas quando chove.

Nas atividades diárias, com expectativas de melhorar aproveitamento com os alunos, devem-se ter mais aprofundamentos nos objetivos das aulas de recreação e não deixalos sem noção do por que aquela brincadeira. Apesar de ter alguns imprevistos se consegue utilizar bem o tempo pedagógico com os alunos.

São oito turmas havendo agrupamentos de algumas turmas por não haver espaço suficiente.

Por ano aonde vem o pré, primeiro e segundo (multi-seriado), terceiro, quarto e quinto (multi-seriado), sexto e sétimo (multi-seriado), oitavo e nono (multi-seriado), eja I e II.

Educação infantil é o pré um e pré dois com a idade de quatro e cinco anos.

Temos três salas de aula, uma secretaria, quatro banheiros e um fechado, uma cantina.

Sim, pois temos a missão de formar bons cidadãos que são nossos alunos, precisando utilizar melhor os espaços de aprendizagem existente na comunidade para o melhor aproveitamento dessa formação, como por exemplo, um espaço cultural.

Antiga Escola 20- Escola Indígena Pataxó Mata Medonha, na atual conjuntura

21- Organização Política da Escola;A Escola Indígena Pataxó Mata Medonha é organizada por regime político interno coletivo regido por uma direção, secretaria geral,

professores, os pais, Lideranças e os conselheiros escolares que nos auxiliam nos problemas relacionados com a comunidade escolar. E em geral, são eles que buscam desenvolver e promover políticas que deem condições para desenvolver os trabalhos para sanar as necessidades existentes no cotidiano da comunidade Escolar. A direção é própria e específica que será indicação ou eleição com voto aberto, pela a comunidade escolar, e lideranças. O qual terá que ter dedicação exclusiva para a escola, não podendo exercer outras funções extras. Terá os seguintes critérios:

- Ser professor ou fazer parte da Comunidade escolar á mais de três anos na escola;
- Ter uma noção básica de gestão escolar;
- Ser responsável, dedicado, participantes das atividades culturais da escola e comunidade;
- Ter dedicação exclusiva nos trabalhos da escola.
- Ter boas relações pessoais com a comunidade escolar. Podendo exercer o seu mandato por dois anos, com direito a reeleição. Assim como se aplica para vice- direção e coordenação.

Características da Escola:**Interculturalidade**- porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdades social e política. **Bilíngue/ Multilíngue**- Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosa, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos dos seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante. **Específica/ Diferenciada** - porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não-indígena. A escola de formação de professores para desempenhar as suas funções sociais, deve garantir o direito ao ensino

médio e a preparação de professores para a educação infantil e para as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Dessa forma, tem como princípios norteadores os expressos na Resolução CNE/CEB 03/98. **Ética e Identidade** - como princípio educativo a ética só é eficaz quando reconhece que a educação é um processo de construção de identidades e a conquista da autonomia, através do "desenvolvimento da sensibilidade e pelo reconhecimento do direito à igualdade" (DCNEM), ou seja, o reconhecimento da identidade do outro. Daí a importância da ética da identidade na educação escolar, pois, a autonomia e o reconhecimento da identidade do outro se associam para formar pessoas solidárias e responsáveis, defensores do valor da competência, da capacidade de fazer bem feito e que passam trabalhar em equipe e tomar decisões.

Tal perspectiva precisa estar ancorada em conhecimentos e competências intelectuais, possibilitando à análise, à solução de problemas, à adaptação a novas situações, dando sentido a um mundo em mutação.

No campo da formação profissional a adoção deste princípio tem como objetivo principal a constituição de competências que lhes possibilitem ter maior autonomia para gerenciar sua vida profissional.

objetivo geral: Melhorar a qualidade da oferta da educação escolar indígena Pataxó Mata Medonha, buscando oferecer a educação básica de qualidade, contribuindo progressivamente para a formação de cidadãos interlocutores entre os saberes da sociedade Indígena e não Indígenas. Desenvolvendo ações que visam o avanço no processo ensino e na aprendizagem bem como fortalecimento da nossa identidade cultural.

28- OBJETIVOS ESPECÍFICOS Elaborar e executar atividades de ação es pedagógicas a serem desenvolvidas no decorrer do ano letivo;

- Desenvolver métodos de ensino, pensando na prática pedagógica do educador e na criatividade e habilidade de cada educando;
- Sensibilizar os pais a acompanharem o processo de ensino/aprendizagem de seus filhos;
- Planejar e organizar eventos e festividade com o apoio da equipe gestora;

- Analisar e refletir sobre o sistema de avaliação, promovendo ações de melhoria no processo ensino aprendizagem;
- Atender os alunos com dificuldade de aprendizagem dando-lhe subsídio para cada caso;- Abrigar em suas ações, os desejos, os sonhos, o passado, a realidade do hoje e o futuro desta comunidade pataxó.
- - Estudar as demais sociedades e os seus conhecimentos.
- - Integrar os pais e demais membros da aldeia como companheiros e parceiros de autoria do processo.
- 4 - Identificar e promover os estudos e a pesquisas da língua, das histórias e da memória, dos fazeres, saberes e crenças e de todo o cotidiano do pensar, o fazer e o sentir do povo pataxó.
- - Introduzir de forma crítica, os conhecimentos “ditos universais”, que sempre serviram de instrumentos para negação de nossa identidade,.
- - Sistematizar uma escola Indígena Pataxó específica, diferenciada e de qualidade que atenda aos interesses e as demandas do povo Pataxó de Mata Medonha.

ANEXO II. Caderno de imagens

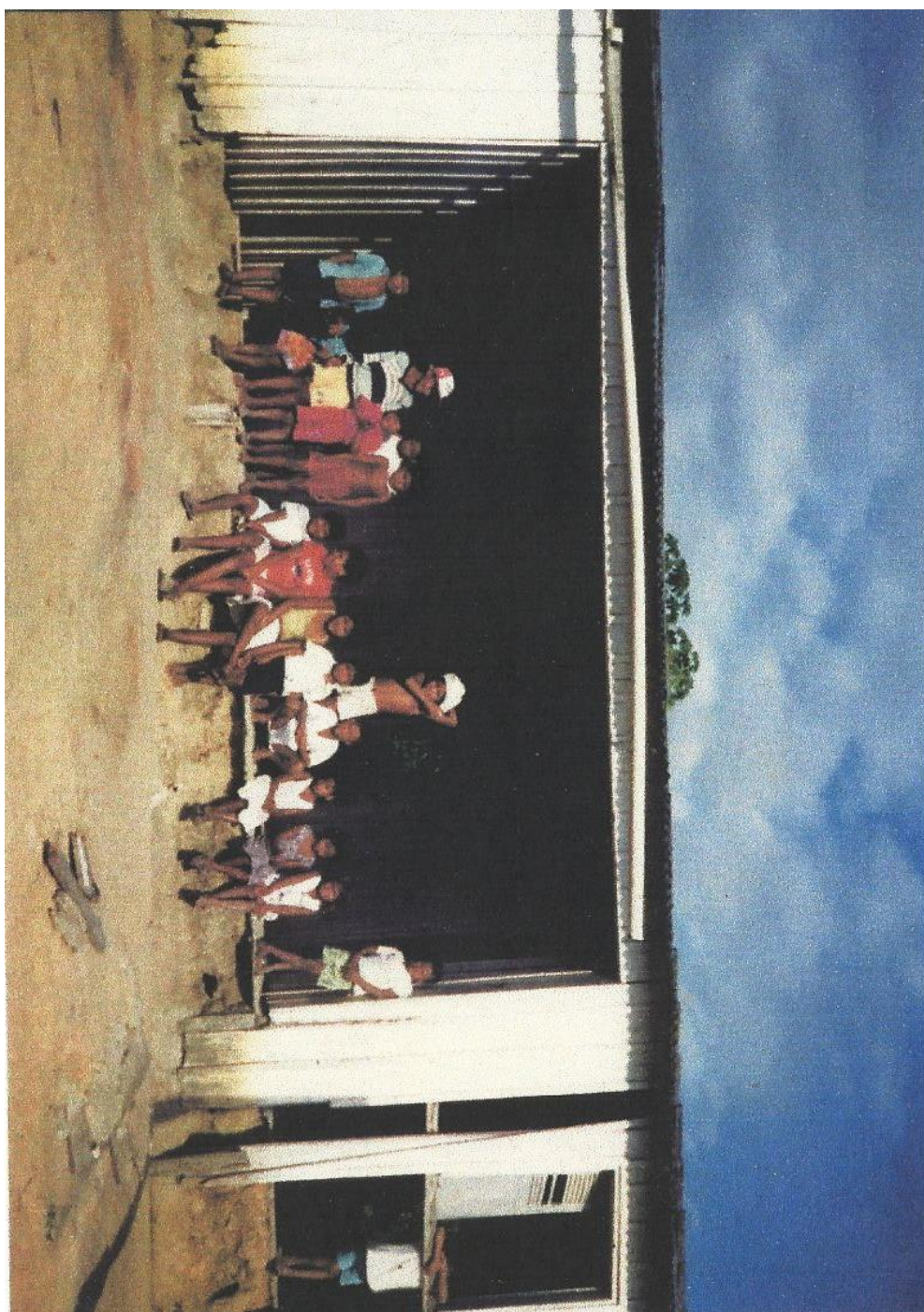


Figura 1. Escola de táboa, construída no ano de 1988.



Figura 2. Primeira turma de alunos de Mata Medonha.



Figura 3. Pais e alunos da primeira escola.

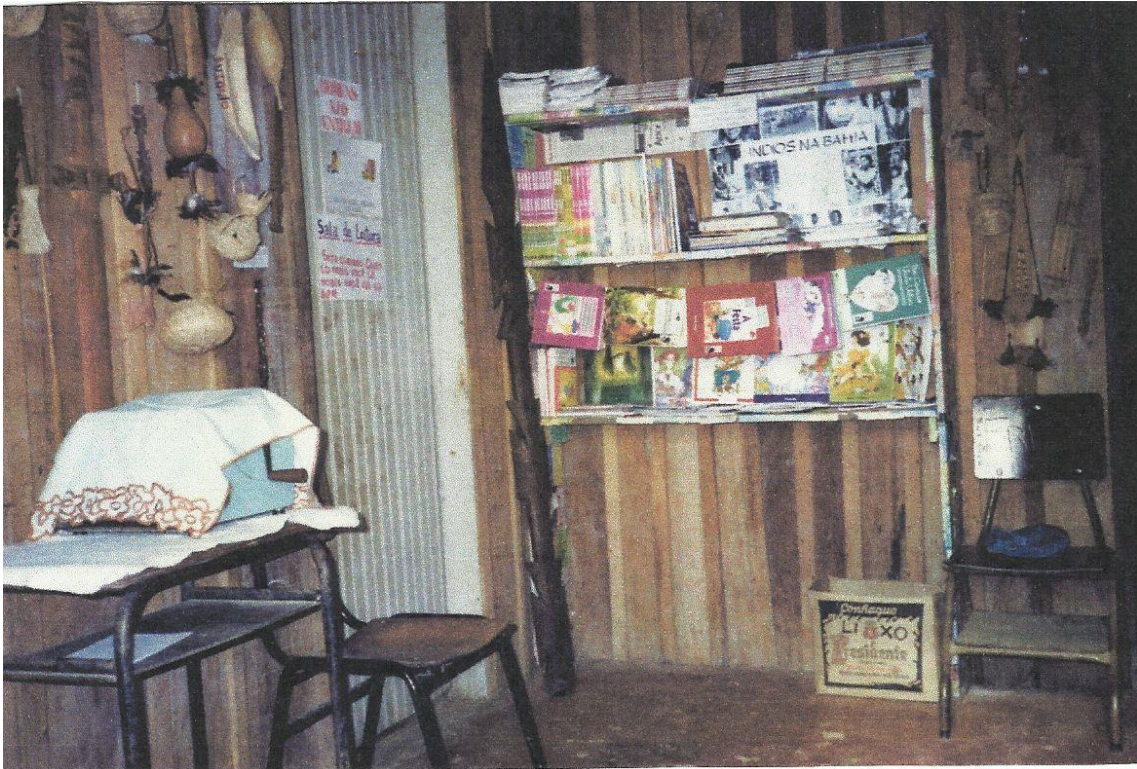


Figura 4. Minibiblioteca da primeira escola. Servia para guardar livros e remédios.



Figura 5. Segunda escola, feita de alvenaria (2003)



Figura 6. Comemoração do Dia do Índio com alunos e comunidade, cacique Maninho e vice cacique Israel(2003).



Figura 7. Crianças brincando no dia do índio (2003)



Figura 8. Dia do Índio, 2003.



Figura 9. A escola de Mata Medonha hoje.



Figura 10. Professor e alunos do 1°, 2° e 3° anos hoje.



Figura 11. Alunos do EJA apresentando o peixe assado na Patioba.



Figura 12. Transporte escolar da aldeia.



Figura 13. alunas do pré praticando o cabo de guerra.